

O TRIBUNO

O TRIBUNO; JORNAL LIBERAL. MARANHÃO, TYP. LIBERAL,  
1883-1885.

ANNO III 25 AGO. 1883 - N. 80

ANNO IV 08 JUL. 1884 - N. 97

ANNO V 29 SET. 1885 - N. 126

OBSERVAÇÃO:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU  
ILEGÍVEIS.

1 8 8 3

AGOSTO = N. 80



## Moralidade.

A corrupção de um povo é para a sociedade como as graves enfermidades para os indivíduos.

Da pericia e prudência do governo ou do medico depende a regeneração dos enfermos; mas, por isso mesmo que a enfermidade é grave, demorada será a cura, e os doentes deverão ser os meios de acção.

Que o Brazil desce do elevado grão de moralidade que lhe imprimio o governo da regencia, é facto que não se nega, porque assim o attesta as leis promulgadas nessa epocha gloriosa, assim o dizem os rasgos de patriotismo praticados pelos que dirigiram os negocios publicos.

A nobreza de sentimentos presido á nossa emancipação politica.

"Livro do jugo despotico que pesava sobre nós, procuremos ir além do que se nos concedeu."

Aos olhos do brasileiro a liberdade conquistada foi pouca, e d'alhi as repetidas revoluções que perturbão a paz das provincias.

A queda de revoluções nem sempre traduzem o máo fim que tinham em vista, vem as mais das vezes da froxidão dos guerreiros, ou de sua impetuosidade para combater forças disciplinadas.

Se triumphasse uma das revoluções malogradas, a nossa occupação no presente não seria reformar, que importa juntar materias para reconstruir um edificio, seria, sim, marchar a passos largos na senda do progresso, porque essas revoluções pretendiam nesses tempos o que hoje se faz pacificamente.

U que o partido liberal rez de beneficio, foi destruido pela força embrutecida dos conservadores depois da queda da revolução praieira, triumpho funebre e fatal, não tanto pelas victimas que emulou, mas pelo regresso dessa nobreza de que vem o patriotismo, que também ficou no tumulto de Nunes Machado.

Depois do martirio, das deportações, dos recrutamentos em massa, fortes despojos para o gabinete, ainda cheios de odores contra os vencidos, ainda sedentos do sangue do partido prestigioso que os assustava, não com intenção de pôrem balsamo nas chagas da nação, mas com vista de destruir o que dava vida a democracia, com intenção firme de plantar o principio da authority, que para os conservadores é tudo, e para nós o maior de todos os males sociais, quando cheira a obediência passiva.

Como se no gabinete desses monstros o facho do inferno os alumiasse, a lei de 3 de dezembro de 1841 foi o instrumento da destruição que effeminou o povo e o arrastou á degradação.

Morta a authority dos juizes de paz, instituição sublime, salda do governo da regencia, eis-nos á braços com a authority da policia, fatal, violenta sempre, tal como concebemos os *afamados* estadistas conservadores.

Armado do formidavel cutelo o partido conservador, qual o saltador da estrada que pede a bolsa ou a vida, varrejava a casa do cidadão, prendia com culpa formada, não aos que com elles convivia, mas aos adversarios, que davam em troca a paz, o voto que reservavam ao partido liberal.

Isto não é tão simples como parece á primeira vista, é grave e muito grave, por ser a base da desmoralização que lavra ainda hoje.

No tempo da regencia, quando o partido liberal vestiu-se de gala, quando esteve cheio de virilidade, quando tudo polia fazer, reinou a moralidade neste paiz—por exemplo, na administração do sr. presidente Antonio Pedro da Costa Ferreira, em 1836, o povo, suppondo que o partido cabano era o representante das idéias liberais, e o partido marreco, a que pertencia o presidente, era o partido retrogrado, geralmente aborrecido, travada a luta eleitoral á sombra de uma lei iminentemente liberal, veio a victoria em favor da opposição, não trazendo por isso quebra de força moral á presidencia, que por isso mesmo elevou-se no conceito publico.

E' que, nesse tempo a moralidade estava personificada no governo, e o povo recebia delle o exemplo.

O homem do povo orgulhava-se de si, mirava a sua dignidade, tinha em toda a conta sua liberdade, olhava para o governo como se o devia encerrar, isto é, um homem como qualquer outro, que occupava o cargo de baixo de tremenda responsabilidade.

Plantado o principio da authority trocava-se os papeis: o homem do povo desce até arrojar-se ao chão, e a authority, mirando-se no espelho de seu poder, nivelou-se aos Pharões do Egypto!

Foi assim que o partido liberal exaltou a patria, e fordo com leis vexatorias, e com o máo exemplo que os conservadores se rebaixarão, e envelhecerão o povo.

E, ha ainda quem se levante de madrugada para fazer pão que alimente conservadores?

## A borracha.

A noticia que nos transmittio a *Pacotilha*, da existencia da borracha nesta provincia, nos alegrou e entreteceu ao mesmo tempo.

Alegrou-nos por d'ora em diante contarmos com mais um poderoso elemento que tem de contribuir para a riqueza publica, erguendo a provincia do abatimento em que se achava, mas, tendo em vista o desanimo que lavra por todas as classes industriais, e a reserva do commercio em nada emprender, abundando nas considerações feitas pela illustrada redacção da *Pacotilha*, nos parece certo, que o Pará e não esta provincia, dará impulso a extracção deste importante producto.

Além de vergonhoso, este acontecimento attesta uma inopia, que só se admite em povos selvagens.

Apellando para as folhas diarias desta capital, únicas que tem propensão para fazer propaganda, pedimos que se empenhem em convencer o commercio, que deve empregar seus capitales na formação de uma companhia que explore o terreno, e ponha nas condições de ser frequentado pelos homens do trabalho, e nos meios de transportar ao nosso mercado o importante genero, que tanta riqueza ha levado á nossos vizinhos.

Qualquer que seja o meio aconselhado para chegar-se aos fins, devem ser empregados pela imprensa, uma e muitas vezes, sem cessar, até que os vejaos realizados.

Ao governo da provincia deve caber uma boa parte neste negocio.

Filho da provincia, maior deve ser o empenho de s. exc. no desenvolvimento de uma nova fonte de nossa riqueza:

Temos um nome bem reputado nas letras, mas a pobreza definha a terra, que quer seiva para produzir novos homens, e a nós compete d'al-a, compete principalmente a s. exc., que tem prestigio e força para promover emprehendimento destes que tendem a enriquecer-nos.

Seria conveniente que o commercio reuna uma sessão para tratar deste negocio, que muito o aproveitará no futuro.

Diga-se isto mesmo ao commercio, que sem duvida attenderá aos reclamos da opinião publica.

## Rufam os tambores.

O paiz acaba de ser testemunha ocular de um grande facto, que não pôde passar aos dominios do esquecimento.

A historia parlamentar do segundo reinado forçosamente ha de registralo para memoria da posteridade.

A crise ministerial, accentuada á 14 de maio deste anno, operou uma prodigiosa metamorphose no espirito dos deputados, que constituem a minoria da camara temporaria.

Ha muito tempo que a camara conservadora, repoltrada nas cadeiras, que lhe foram dadas pelo suffragio directo, apresentavam na physionomia uma especie de lago, tranquillo na superficie, mas revoltado e fortemente cavado na profundidade.

Diz-se que estavam no anno 590 antes de Christo, em pleno *Instituto de Pythagoras*, onde era religiosamente observada a regra que o fundador da escola italiana impunha aos seus neophytos no acto da iniciação, isto é, *absoluto silencio e maxima sobriedade*.

Mas a minoria, procedendo deste modo, apparentando assim a mais glacial indifferença politica, nada mais fazia do que obedecer *sicut cadaver* a voz de machucados chefes, cujos planos eram, como sempre foram, os mais tenebrosamente mysteriosos.

Adeptos sinceros da escola de Machiavel, quizeram dividir para reinar, e bem cedo puzeram em execução aquella maxima perigosa.

A familia liberal foi o alvo das machucadas anteriormente combinadas á sombra das arvores do *Macuco*.

As nossas pequenas desavenças partidarias foram explicadas com pasmosa tenacidade, e impellido-se fortes correntes de ar aos fogos dos nossos acampamentos, afim de produzirem inevitavel incendio e depois completa ruina.

Deixemos as liberasas entregues a si mesmas, disseram elles, por fim gastarão as suas forças intestinas e nós entraremos validos na posse do governo nacional, sem queimar uma escorixa, sem dar a minima batalha.

A *Gazeta de Noticias* penetrou profundamente o pensamento dos homens de 1848.

Da facto, desde que se constituiu a camara actual, pelo meio determinado na lei n. 3029, de 9 de janeiro de 1881, os conservadores em vez de conquista-

rem o poder, vibraram a palavra na tribuna parlamentar, tem ao contrario, como Anibal em Capua, se dedicado á a esperança de ver-nos brevemente apedoados da gerencia da publica administração.

Brilhante esperança, é certo, mas que subitamente se apagou como a estrella luminosa de um acrolitho, que atravessa o espaço em uma noite calma de verão.

Ponde a margem a banheira, que tão desastrosamente empunham na década que o tempo enovelou em sua qué lá infanda, depondo nos cabed as empoeiradas armas de tempo primitivo, com as quees tão impuneemente nos feriu; fechando a arca da alliança, onde depositaram reverentes um programma sem capitulos; sentaram-se nas bancadas da opposição, inermes, naveticos, mudos, para, como o inglez, excentrico que acompanha o acrobata, ter o prazer de ver-nos cair.

A minoria, nesta posição de estatua, que papel tem representado?

Os annos do parlamento, do periodo a que alludimos, está quasi vazio de debates.

Quasi sim, porque os conservadores do parlamento não se moverão como lhes cumpria para arrancar-nos o penachito do poder com as armas na mão, mas sim para a guerra de emboscadas, como succedeu o anno passado com o digno sr. Martinho Campos e ha pouco com o illustre sr. Paranaquá.

O gabinete de 3 de julho não foi derrotado pelos 17 liberases que votaram a favor do adiamento proposto pelo honrado sr. José Mariano, mas sim pelos 38 conservadores que os imitaram, porquanto aquelles deputados não podiam pelo numero determinar a derrota.

A minoria, porém, comprehendeu que devia aproveitar a occasião para atirar uma proveitosa cartada á meza politica, e não recou no assalto.

Se si tratasse de uma questão politica poderia ser desculpada a deslealdade dos quarenta conservadores que compõe a minoria, mas não pelas simples questões de meios das provincias, não ha gloria alguma.

A opposição não procedeu politicamente, constitucionalmente.

Mas que fazer, se ella queria o poder sem conquistalo e o não fizemos em quasi dez annos de trabalhos supremos?

A crise de 14 de maio trouxe ao espirito preocupado da minoria o reaviscimento da esperança, o ponto final da estratégia.

A recusa do veneravel sr. conselheiro Saravia, do integro sr. conselheiro José Bonifacio, do illustre sr. conselheiro Dantas, fizeram acreditar que era chegado o momento decisivo!

O sr. conselheiro Lafayette, porém, accettando a organização do novo ministerio, espantou em um instante todas as miragens encantadoras, produzidas em dez longos dias, da aniedade publica.

O sr. conselheiro Lafayette!

Porque não recouso elle tambem?

E' horrivel ter o pomo ao alcance das mandibulas o não poder devorarlo, como o Tantalus da mythologia.

Todos os planos estavam desfeitos!

A minoria da camara sentiu-se, diante de si mesma, humilhada, incompetibilizada diante do futuro, pelica acoute-cimentos do presente.

E os homens, ha pouco mudos e queidos com o desengano, causticados-lhes o coração, encalçaram a juba como o leão africano, e levantaram-se para o poder o gabinete de 21 de maio, que assignala o renascimento do partido liberal!

Porque congregou-se a maioria em

torno da bandeira gloriosa que assignala tantas batalhas vencidas no campo da democracia?

Rufam os tambores!

Quebrou-se o silencio tumular nas duas camaras do paiz.

De um lado é o sr. conselheiro Junqueira que evoca as sombras do passado para dizer que as fuanças do paiz estão entregadas, que é preciso um governo forte, que não faça obras novas, sem lembrar o honrado senador pela Bahia, que não fomos nós, mas sim os seus antigos politicos que as depauperaram.

Do outro é o sr. conselheiro Paulino em um discurso accioso, que pergunta donde vem este gabinete de *ilustres desconhecidos*?

O sr. Andradas Figueira, o sr. Gomes de Castro, toda a legião, enfim, se ergue crispando raiva dos olhares, para, em phrases apaixonadas e vehemente, accusar a *poder* que *clipe* ministros e o gabinete que, desfaz os brilhantes castellos construidos in *pato*.

Tanto melhor!

E' nas refregas que o soldado se retempera e colhe victoria.

O partido liberal diante da opposição que ora accorda agitada ainda por um ataque de cataplexia, será forte como Sango diante dos Philistheus, e sacudirá para bem longe as columnas do templo de Dagoon.

Não tinhamos imperiosa necessidade de que a opposição tomasse no parlamento a attitudem que ora tomou.

Os partidos politicos devem estar vigilantes em seus arraizes.

Felizmente, porém, os novos acontecimentos tomaram uma outra direcção, em virtude do malogro que acabam de ter os conservadores da camara temporaria.

A opposição que se levanta é nos em todo utilissima; ella vem dar-nos mais regidez no combate, acenando-nos com a palma da victoria.

(Do *Echo Liberal*.)

O estado da instrucção primaria no Brazil.

A instrucção primaria, o baptismo da civilização, como chamava Chateaubriand, é muito e muito repetido ao nosso povo; um paganismo litterario invade extraordinariamente o paiz; uma grande parte da sua população permanece nas trevas, e até quando durará esse estado semi selvagem?

E' desafiador o quadro estatistico do ensino primario entre nós; si continuarmos assim em tão horrivel abandono a instrucção do povo, o Brazil continuará a ser victima de uma ignorancia acumbrosa, que lhe retardará por muitos seculos o seu progresso, e tarde bem tarde poderá no congresso das nações cultas representar o papel que lhe deve competir.

por occasião da guerra franco-allema, o diplomata da Hespanha, junto á corte de Berlim, conversava com Bismark exaltado sobre a victoria que as armas allemães obtiveram contra as francezas.

Pensas acaso, disse-lhe o chancelier allemão, que deve-se o resultado da guerra a Frederico, o grande, a Guilherme, a Moike, as armas do barão Krupp?

A nenhum delles; tudo é devido ao mestrado escolar; foi elle quem preparou a gloria da Alemanha.

Vejá-se, pois, de que valor é para os estados a instrucção primaria; e nem precisa grande esforço de intelligencia para comprehender o todo edificio que se não é construido sob bases solidas, não

pode-se sustentar, desaba; a base do edificio politico social de um povo é sem duvida a sua instrucção, se esta lhe falta, o viciamento das instituições apparece, o progresso do estado obstrue-se, a nação cae em vez de elevar-se.

Apesar da grande deficiencia de nossos dados estatisticos, todavia recorrendo-se aos mais exatos pode-se demonstrar com a prova irrecusavel dos algarismos o abatimento da nossa instrucção primaria.

Em 1837 tinhamos, pouco mais ou menos, uma população livre de 70.000.000, sendo as escolas existentes 3.305, a matricula de 70.224 alumnos, havia uma escola para 2118 habitantes, era 1,04 % da população livre a inscricção nas escolas de primeiras letras.

Julgando-se que a população livre do Brazil duplique em trinta annos, em 1868 a cifra desta devia elevar-se a 9.800.000, que divididos por 3.305 escolas com 105.900 alumnos, havia uma escola para 2912 33 individuos, estava apenas matriculados 1,08 % da população.

Não é bastante symptomatico de nosso enfraquecimento moral, e intellectual esse desanimo das letras, esse abandono do ensino, pois em onze annos só abriram-se 65 escolas?

Em 1878 havendo, segundo o officio do ressenhamento procedido ultimamente, uma população livre de 10.933.801, dividida por 5.661 escolas, nas quees matriculados 175.714 discipulos, segue-se que estavam inscriptos, 1,61 % da população, havia uma escola para 1916,42 habitantes.

Apparentemente parece que já surge aqui um movimento progressivo, é uma illusão; ouçamos a respeito acommisso de instrucção publica da camara dos deputados.

Considerem-se agora, diz a commissão, as duas epochas extremas: 1875 e 1878. Em que algarismos se traduz a media do nosso progresso, proporcionalmente ao crescimento necessario e continuo do numero de habitantes?

A frequencia, em 1875, cifra-se 1,40% da população, 21 annos depois tinha subido apenas 0,57%, ou termo medio 0,027% annualmente. Com essa celeridade de millesimos por anno, careceriamos 37 annos para que a inscricção crescesse um por cento, e como a nossa população de idade escolar (6 a 15 annos) está para a população total livre na razão de 22,6% em menos de 700 annos não teriamos chegado á situação que se anela, á situação normal de alguns paizes já hoje, onde toda a população da idade escolar recebe a instrucção primaria.

Será esta perspectiva realimente para nos infundir alegria e alizez? Bem singular patriotismo fora o dos que, diante deste quadro si o tivessem visto, sentissem dilatar-se lhes a confiança.

Para qualificar de prometteitoria essa evolução desanimadamente vagarosa, que deixa entrever para d'aqui a oito seculos um estado de que varias nações cultas se avizinham com uma velocidade progressiva, é necessario o lher a estatistica por um só aspecto e lher os algarismos, sem comprehender as suas relações. Como as escolas 3.305 no anno de 1857 subiram a 5.661, exultação e assaolho que a accessibilidade da instrucção escolar augmentou 68%.

Como a matricula, nesse periodo, se elevou de 70.224 a 175.714, ensobreceram-se e alardeiam que a cifra da população escolar alheia ao ensino diminui nessa mesma escala. Um instante de attenção basti para dissipar esse erro. Ha dois movimentos collateraes

as duas trajetorias parallelas, a da frequencia escolar e da população, que é preciso observar ambas ao mesmo tempo, estudando-as reciprocamente, para vingar a uma conclusão seria e justa. Si a porção entre as duas no ponto de partida revela um estado de ignorancia nacional, não é razão para julgarmos felizes a certeza de que a frequencia depois dobra, triplica ou decupla; porque, si a população mais ou menos *pari passu* dobrou, triplicou, ou decuplou, não são melhores as condições do paiz. Numa nação cuja massa é analphabeta, o movimento escolar não pode tranquillizar os espiritos progressistas, si a sua actividade não se traduzir numa porção bastante accelerada para levar ao desenvolvimento incessante e crescente da população uma vantagem firme, larga e crescente, que cubra por meio de reduções consideraveis e cada vez mais amplas o deficit primitivo. Obvias são, e triviaes parecem que deviam ser, estas verdades, mas o certo é que só o seu esquecimento explica essa phraseologia official, com que mais de uma vez se tem celebrado a prosperidade do ensino entre nós, onde a sua diffusão é menos que modesta e decrescente a sua solidéz.

Não pode ser mais precario o estado do ensino entre nós, é preciso traasformalo, aperfeicualo.

(Do *Cearense*.)

Com que direito pretende a opposição conservadora impor-se ao paiz como a sua unica esperança?

Com que criterio finge ver nos males actuaes a prova da imputencia do governo liberal?

O que promette ella ao paiz, chegando ao poder?

Custa-nos a crer que os denodados campeões do antigo regimen das *degoias* e das camaras unanimes, fabricadas nos gabinetes de presidencias, ambicionem hoje com tanto arvor a posição, em que se acham os liberases.

Elles clamam constantemente que a situação está morta, que o partido liberal não se pode sustentar no poder, que deve lber cedor o passo, e isto simplesmente porque elles elegeram um terço dos representantes do paiz na actual camara.

Não dão quartel, a opposição é systematica, desabruida, a sede do poder é immensa.

Entretanto elles, os conservadores, cumpre reconhecê-lo, pouco ou nada tem conseguido por si, na opposição.

Si derrotam dous gabinetes foi com o auxilio de uma parte da maioria liberal.

Si conseguiram a não reeleição de um ministro foi mediante o mesmo auxilio.

A eleição dos conservadores que figuram na camara temporaria e nas assembleias provinciaes, em grande parte foi devido á divisão do partido liberal em algumas provincias.

Mesmo ainda assim pouco fizeram e a votação obti la demonstrou que os partidos são quasi iguaes em forças, sendo a maioria dos electores liberases.

A vista deste facto é difficil de explicar-se a sede, que sentem os nosos adversarios pelo poder, de um modo lisonjero para elles.

Entretanto chegam a reclamar o chagão a esperar que a corôa, despetida no presente situação os liberases do governo, chamas-se a minoria, por um inexplicavel golpe de estado.

Em que confiam os nossos adversarios? Em sua superioridade numerica? E

difficil creio em vista da estatistica que nos dá.

No seu prestigio? Póde ser, mas é um pouco metaphysico. Hoje a questão é muito positiva, é toda arithmetica.

Nos só podemos attribuir esse confiança de desejo dos collegas á resolução em que estão os conservadores, de empregar todos os meios para lançar o discreto sobre a aurica reforma de 9 de janeiro, e de fazer toda a pressão possivel sobre o eleitorado com o fim de retrogradar um passo para o antigo regimen, e dos corpos legislativos *ad libitum* do poder moderador.

E' ousadia, mas é bem de temer.

Damos o direito de pensar assim a extrinseca levandado dos nossos adversarios nas accusações que nos fazem.

E quando mesmo o partido conservador consiga em breve um completo triumpho eleitoral, quees as promessas que faz ao paiz? quees as reformas; que nos toma emprestadas? O que fará? O que estabelecerá?

Eis o ponto em que a nação nada vê em claro; eis o ponto em que o povo nada tem por ora a esperar.

Mas ha uma duvida, que principalmente deve ser esclarecida.

Os cinco annos e meio decorridos desde 1878 form bastantes para reabilitar o partido conservador da desmoralização, a que tinha desciido nos ultimos tempos do seu dominio.

(Idem.)

VARIEDADE

As velhas namoradeiras.

I

Eu bem sei que vou ser alvo—Hoje de grandes censuras.—Que mais de mil creaturas, Das velhotas a que alludo, me chamarão: *Velho, calco, Confuso*!... e sei lá / tudo!

Deixe uma carga, de certo, Que nem da cavallaria, Por eu me fazer esperto, Em lhes por a luz do dia, A sua photographia;—isto é certo e mais que certo.

Mas não me posso conter,—Pois para mim é rizo, ver presumida velhota, Sem se saber conhecer, Crendo-se ainda menina,—Elegante, *papa-fina*,—Com juvenis selicções, E adocicada voz;—Dez kilos de pó de arroz—Nas bochechas deslavadas, A sobranceiras pintadas, Chindo encaraculado,—Os labios com encarnado,—De carmin... si, que graci- uha!—Muito enfeite, muito folho,—E um grande pé de galinha, ao lado de cada olho!

Velhas que calçam sapatos,—Do bom Silva e Liberato,—Com bico como um florete, Ou de uma feca de mato;—Mas mostrando um joanete, Da esquerda e mais da direita,—De forma feia e tamanha... Volumoso até mais não,—Que parece uma castanha daquellas do Maranhão.

Usam corpete esticado,—Pela frente abotoado,—Em extremo apertadissimo,—E notam conchegadissimos, Exhibidos pelas costas, Na columna vertebral, A triste curva rachytica,—Da *espinha pyramidal*! E na frente, isto é exato, A compressão a mostrar, O frontespicio o mais chato, Que se pode imaginar,—E' um moço alagado em rama,—Que já vai perdendo a fama!

Ai minhas q'ridas meninas,—Ouçam a pura verdade,—Meninas com mais ja-neiros,—Do que tem a minha idade!

Ha tambem certas matronas,—Com olhos cõr de azeitonas,—Mais os dedos descaçados,—Annos nella enfiados,—Acreditem que não zombam,—Não zombam



JULHO = N. 97

sentado por elles, não uma medida do patriotismo conservador, mas a prolongadora de seu domínio, a ganancia de querer governar perpetuamente: porrem comprehendendo que não lhe ficava bem guerrear uma lei de seu programma, fez côr com os libealadores, e ella passou com o seu concurso.

Dissorão os Paulinos, os Cotegipes e outros chefes conservadores, que o paiz exigia reformas liberaes, que elles se compromettião a fazer-as passar; mas, tão depreça o Imperador resolveu incumbir este trabalho aos libealadores, dando o ditto por não dito, e eil-os em opposição a tudo que prometterão ao Imperador.

A libertação dos escravos auxiliada pelos libealadores, encontra agora torpeço opposto pelos conservadores em occasião que se faz myster o concurso deleis para a consumação da lei, e não côrão em face de um procedimento desta ordem.

O afan de governar é tal, que são capazes de concorrer, e como de facto concorrem, para todos os males que esta libertação pode acarretar ao paiz, para lançarem o odio ao partido liberal, e mais tarde se apresentarem como os salvadores do paiz.

Mas, por isso mesmo que querem o governo só pelo governo, não lhe será dado senão depois que aprendão com noaso a ser governo pelo bem estar do paiz.

Um pouco de patriotismo que refresque o enthusiasmo de governar é a dôce medicina que se deve applicar aos conservadores.

#### Camara municipal

Não levamos em vista, tratando da municipalidade da capital, offender a susceptibilidade dos illustres cidadãos que estiverão na gerencia da presidencia da dita camara; deixando o passado que nada importa para o presente, vamos nos occupar da administração que está fazendo o illustre sr. dr. Manoel da Silva Sardinha.

Compenetrado da importancia que tem as municipalidades no systema dos governos livres, tem o sr. dr. Sardinha dedicado sua boa vontade e estudos ao bom desempenho dos deveres que lhes são inherentes, cuidando com afincio no asseio da cidade, na manutenção da salubridade publica, no reparo do calçamento das ruas e bectos.

Não fica nisto os cuidados do actual presidente da camara municipal, conserva a ordem e regularidade precisa na arrecadação das rendas, sem vexame para os contribuintes, sem desperdicio dessas rendas nos gastos da utilidade publica.

O publico que já estava costumado a rir-se das misérias da municipalidade, presta agora sua attenção para o que contempla, e faz justiça á ella que se exalta pelo cumprimento de seus deveres.

A limpeza da cidade ainda exige providencias a tomar no modo porque está sendo feita, principalmente nesta quadra invernos.

Nos parece que se deve empregar um maior pessoal na capita dos matos e limpeza das ruas, para não acontecer

que, ao tempo da limpeza dos ultimos lugares, estejão os outros já em condição de serem novamente limpos.

Não basta esta providencia, é de grande necessidade a imposição de multas aos que tem o gosto estragado de atirarem lixo nas ruas, despresando os carros que andão pelas portas recebendo os que os moradores tem em seus quintaes.

E' preciso que a municipalidade seja energica na imposição das multas, e as autoridades a quem cumpre fazer-as executar, torne isto um severo castigo aos transgressores das posturas.

Para a camara municipal que está compenetrada de seus deveres poucas palavras bastão, estamos certos que ella saberá completar as providencias que faltão para a sua boa administração.

Dirigindo estas palavras de animação á municipalidade da capital, cumprimos um dever, pagamos uma divida de gratidão aos illustres cidadãos que se prestão de boa vontade ao serviço publico, que importa uma recomendação ao suffragio popular.

#### O partido liberal

Houve um tempo em que na gíria conservadora os libealadores não eram homens de governo; as suas idéas, os principios do seu programma eram outras tantas utopias de politicos sonhadores, que imaginavam, talvez, a republica de Platão.

Simple propagandistas de opposição, o poder tinha o condão de transformá-los, adoptando um genero de vida mais commodo e mais confortavel. Eramos uns sybaritas, pouco mais, pouco menos.

O *primo oicere*, de *deinde philosophare*, que tantas vezes foi lançado á conta da gíria conservadora, era um aforismo, que, na sua phraseologia, podia nos ser applicado.

E demais—como poderiam aspirar o governo do paiz aquelle á quem a allegoria conservadora representava de facto em punho ateando a discórdia, e revolvendo todos os elementos dissolvendo da opinião desavirada?

Eramos os homens da escopeta e do barrete phrygion, uns carbonarios que machucavamos nas trevas contra as instituições juradas—nós—o partido liberal—a melhor guarda e garantia que a constituição já teve!

O longo e nefasto dominio conservador fez girar em torno da nossa bandeira uma falsa opinião que chegou a ter voga nos conselhos da corôa; e a moeda falsa que a agiotagem partidária pôz em circulação contra nós era recebida pela massa ignara como um valor real nas multipas e variadas transacções do mundo politico.

Nunca, porém; abandonamos o nosso posto, encarando sempre de frente a furia dos elementos conspirados contra a causa que defendiamos na imprensa e na tribuna.

Foi á essa tenacidade do partido, e ás grandes e generosas idéas proclamadas pelos nossos estadistas, e por elles adoptadas com um ardor digno dos tempos heroicos—que devemos as melhores conquistas liberaes. De 1848 á 1878, o que quer dizer, durante o longo periodo de 30 annos, nada podemos levar á effecto debaixo do ponto de vista do programma liberal porque a nossa passa-

gem pelas regiões de poder representa a 6ª parte do tempo do dominio conservador.

A situação progressista, não tinha em nosso conceito, o cunho de uma situação verdadeiramente liberal, e, ainda assim, tal era a anomalia dos consentimentos dessa epocha de transição, que no curto prazo de cinco annos não era possível resolver nenhum problema politico e social.

A' parte esta pequena parcela de governo que nos coube em quinhão, 25 annos correram para nós como uma dolorosa peregrinação.

Uma ou outra vez, algum estadista liberal fez parte dos banquetes dos *Liberals* conservadores, recebendo ás magalhães das suas lautas mezas em nome dessa politica mystificadora que se chamou—conciliação.

Viviamos como estrangeiros em nossa patria, e, peor do que isto, fóra da lei e da constituição.

Maior sacrificio, nem mais duras provações, se poderia jamais exigir de um partido.

Entretanto, foram os libealadores que maiores serviços prestaram á causa publica, desde a maioridade, do que dá testemunho a legislação patria.

Senhores do campo, armados com o guante do poder, os conservadores queriam o nosso aniquillamento.

E esse pensamento acentuou-se na epocha que decorre de 68 a 78. Elles trucidaram-nos em nome da lei, levaram-nos á ferro e fogo, e baniram-nos dos comicios electoraes.

Em compensação, a historia não refere muitas vezes uma epocha de tanta decadencia, nem de tamanha degradação moral.

O vandalismo politico assaltou com furia os cofres publicos; as finanças ficaram estragadas; o filiotismo e a afilhadagem foram elevados á categoria de um programma para armar a popularidade; e, como se tudo isto fosse pouco ainda, a honra e a dignidade do paiz foram sacrificadas á mesquinhas interesses.

Quando em 1878 subimos ao poder, a situação conservadora estava definida. Um cadaver politico havia passado das mãos do marquez de S. Vicente, para as do duque de Caxias, já em estado de decomposição.

Dois titulares não poderão obstar a lei fatal do aniquillamento.

A situação estava morta. Debalde o sr. Cotegipe pretendia resuscitar o seu partido injectando-lhe nas veias um novo sangue com a reforma eleitoral pelo systema da representação das minorias, capitulando com as suas idéas sobre esse magno assumpto.

Era chegada a nossa vez. A reforma eleitoral pelo systema directo era uma idéa vencida no paiz; nós a conquistamos.

O partido liberal era, pois, o unico competente, constitucionalmente falando, para gerir os negocios publicos. Effectivamente, realisa esta importante reforma, e posta em execução de um modo que causou espanto aos proprios adversarios, o partido liberal conquistou o apoio e as sympathias do povo brasileiro. E o paiz tem observado, que, durante 6 annos de governo liberal, não tem sido infructiferos os esforços dos nossos estadistas em bem da causa publica. O seu programma de moderação e de economia dos dinheiros publicos, tem-lhe justamente merecido o apoio da corôa.

Não ha, portanto, motivo para supor a queda da situação tão apressada pelas cassaduras do partido conservador.

Esfacellados, divididos em grupos e facções, os conservadores não podem aspirar o governo do paiz.

Além disto, elles não tem idéas, nem programma a realizar.

Em nome de que principio poderiam os conservadores governar o paiz?

Elles que respondam.

E' preciso que o partido conservador se retemper.

As suas legiões estão em debandada. Os seus chefes mais proeminentes acham-se em dissidência entre si, nem sabem mesmo o que querem.

Desengane-se os adversarios. Não é ciega da ainda sua vez de governar. Tenham paciencia. Resignem-se ao papel de opposicionistas; mas com sinceridade e franqueza. Não mintam á propria consciencia e ao paiz.

O partido liberal está forte e pujante, e ainda pôde viver por muito tempo.

Bate-nos á porta a eleição, e o nosso partido a fará; podis crer.

O paiz precisa ainda de curar as profundas chagas que deixou-lhe a situação conservadora; e isto não é trabalho para pouco tempo.

Dizemos, talvez, não seja tempo sufficiente para a obra da reconstrução, e os grandes problemas que agitam no seio da opinião, reclama a nossa permanencia no poder.

(Do Echo Liberal.)

#### A verdade dos factos

O Brasil, órgão central do partido conservador, na diffidencia, talvez, do assumpto adaptado ao paladar de seus co-religionarios, tira-se de quando em vez, ao campo do imaginario para dar expansão ao seu genio facundo, e nessas e outras excursões desprovidas de procedencia, desce astutamente a analysar os acontecimentos occorridos nas provincias, salientando os que lhe parecem mais exploraveis.

Nada ha, realmente, mais admiravel em semelhante procedimento; porquanto em seu papel de opposicionista cabellhe o direito ineluctavel de decurtir os actos do governo, procurando regenerar o systema, no descrimento da verdade, a travez do nevoeiro dos debates.

O que, porém, é objecto de surpresa geral, é o pouco escrupulo com que aquelle illustre órgão de publicidade, aceita as informações que lhe são ministradas pelas influencias partidarias das mesmas provincias; é o modo da converter as sem examina etia libello contra a actual situação politica, levando assim o seu zelo, pelo partido que representa, ao ponto de sustentar caprichos affirmando a existencia de factos, que nunca tiveram lugar.

Em todos os tempos, no primeiro como no segundo reinado, tem sido sempre esta a critica do partido conservador, convertida hoje em uma facção sem idéas definidas, sem programma, e, meoço sem homens que a representem.

A sua vida inteira escocou-se sem deixar na historia um traço luminoso de sua passagem pelo poder.

Cercado de uma aurea falsa, o seu unico merito, a frente da gerencia dos negocios publicos, tem sido o saber a trophiar de uma maneira desastrosa o organismo nacional, pondo cravos de bronze nas rodas do carro do progresso.

Monopolizando o governo em todos os seus ramos, senão absoluto de todas as posições officiaes, maneio terriveis armas para supplantar a idéa liberal, desde o recrutamento desbragado até o assassinato frio e calculado de seus campegas electoraes. Toda a longa e incommensuravel serie de desastros que praticou em nome, não de principios, que nunca teve, mas sim do interesse individual, acabou por desenvolver ás vistas cansadas da opinião patria o mal disfarçado em gala nas altas regiões do estado, e o partido que tanto alardeou uma prepotencia descommunal no meio de nossas instituições politicas, que tanto, finalmente, abusou das proprias prerogativas da corôa, dizendo-se por elle sustentado, cahiu vencido na arena do combate amortalhado nos trapos de popelline dos srs. Masset & C.

Desde então os homens que representaram no passado a força physica e o despotismo simulado, tornaram-se uma ruina, uma mumia egypcia, que figura em nosso museu politico para memoria das gerações futuras.

Entretanto, é forçoso confessar, apesar de completamente gastos como homens de estado, pelos males que causaram ás finanças e ao progresso nacional, ainda não estão convencidos de que a epocha do *statu quo* já fez sua evolução, tornando-se impossivel á governação do paiz—que quer caminhar—do paiz que tem necessidade palpitante de reformas serias e profundas.

A eleição directa foi o golpe *tranchant* que os pôz fóra do combate,—e desde que ella se realizou aos applausos geraes do mundo civilisado, ficou exuberantemente provado que a patria brasileira é essencialmente liberal, porquanto, não obstante o rigorismo do illustre conselheiro Saraiva, tivemos no parlamento maioria de vozes.

Mas os conservadores que não tem uma idéa, que não tem, como já dissemos, uma reforma a realizar, porque o seu programma está esgotado ha muito tempo, tanto que tem vivido a custo do nosso, como succedeu com a lei do elemento servil; esquecem-se de que perderam a sua razão de ser, e ainda tem a velhice de querer galgar as sumidades do poder, para, talvez, impôr-nos o seu governo de sangue, de lagrimas e de desgraças publicas, como a de que fomos testemunhas nos periodos antecedentes.

O Brasil é por consequencia não um órgão que falla a nação em nome da consciencia publica, mas sim a voz apaixonada de uma facção que se exprime impulsivamente apenas pelas molas oxidadas de um desejo vehemente de poderio.

Nem se pôde dizer que estamos aqui compondo uma historia phantastica, no intuito tão somente de deprimir a folha conservadora, que se publica na capital do imperio.

Não! Quem quer que tiver uma hora vaga para lêr os estranhos artigos n'ella publicados, verá sem grande difficuldade resumir a verdade em todo seu esplendor.

Em sua linguagem diaria, repassada de fel, não se descobre o pensamento politico em toda a sua nudez, resvalar pela tona jornalística, advogando com o calor das convicções inabalaveis a grândexa de um principio, ou empregando supremos esforços para conseguir a solução de um dos problemas que mais interessam á vida da sociedade hodierna.

Em sua linguagem diaria, repassada de fel, não se descobre o pensamento politico em toda a sua nudez, resvalar pela tona jornalística, advogando com o calor das convicções inabalaveis a grândexa de um principio, ou empregando supremos esforços para conseguir a solução de um dos problemas que mais interessam á vida da sociedade hodierna.

Os conservadores, porém, acostumados á fraude eleitoral, não perdem o ve-

lla em todas aquellas columnas uma profusão de palavras mais ou menos ligadas harmonicamente, sem que se destaque no fundo do quadro alguma coisa que se pareça com uma idéa, algum traço que denote ao menos o desejo de concorrer para a indagação da verdade, encadeando raciocinios estribados na regra da logica.

E' que o vacuo—esse psadelo de todas as collectividades que já passaram, fez-se-nos outr'ora grande cerebro do partido que por uma ironia do destino chamava se—conservador.

Afastando-se de todas as normas politicas constitucionaes o órgão inoportuno da facção—resíduo, que simbolisa o tradicionalismo do *statu quo*, abre espaço ás invectivas aciculadas, convertendo a tribuna livre da imprensa, orgão augusta da opinião, em campo raio de discussões meramente individuais.

Impotentes para darem combate de morte á idéa liberal predominante, os thuriferarios da rotina, em cujo espirito se fez a noite das desesperanças, deixou de parte os principios e preferem o ataque pessoal—única ancora que lhe resta nas justas do pensamento.

Este meio pode-se exercer de tres modos: directo, indirecto e mixto; com restricções.

Pela nossa organização politica, a sua lei fundamental estatuiu em seu artigo 90) que as eleições para deputados e senadores para a assembléa geral e dos membros dos conselhos geraes das provincias, fossem feitas por meio indirecto, isto é o votante elegendo o elector e este o deputado, e nos artigos subseqüentes designou as qualidades necessarias ao cidadão para exercer esses direitos politicos, e estabeleceu restricções.

Nem um facto sério trazem á tala da discussão como prova irrecusable da impericia do governo no que diz respeito a direcção dos publicos negocios.

O que dirão, elles; porém, se o governo do conselheiro Lafayette, não tem um facto censuravel, e si, ao contrario, vai perfeitamente bem, revelando ao paiz a grande dedicação que consagra á causa do progresso nacional?

A questão, porém, da *gent* que constitue o Brasil, é uma e unica—o poder para saciar-se de seus amigos, acabando assim de arruinar as finanças nacionaes.

A permanencia do partido liberal na alta confissão da corôa incommoda-os seriamente, então, tem lugar as scenas que tod s testemunhamos—uma facção sem idéas, conquistando o poder pela lucta pessoal.

O quadro é desconsolador. Não é a politica que falla; é o interesse que brada alto.

A historia das *maiorias improvisadas pelo escandalo*, de que tratou o Brasil o mez passado, é um specimen das muitas enexactidões de que tanto faz alarde no desempenho de sua missão ingloria.

Facil, como dissemos, em receber as informações capciosas que lhe são enviadas das provincias, por correspondentes infieis, aquelle jornal ás trasladas para as suas columnas, fazendo da verdade uma arma do combate.

Em relação á Sergipe, sustentou o órgão conservador que os libealadores cometteram mil arbitrariedades no sentido de constituir maiorias na assembléa provincial, e que o presidente da provincia mais ou menos influo para o tripho de seus co-religionarios.

A verdade antes de tudo. Deu-se justamente o contrario.

Os conservadores, porém, acostumados á fraude eleitoral, não perdem o ve-

zo de attribuir-nos aquillo que sempre fizemos no passado.

Continue o Brasil a romanciar e nosso procedimento; não será isso que nos fará parar em caminho.

A opinião é a nossa juiza.

(Idem.)

#### As eleições

O mecanismo social nos estados de forma representativa, recolhece no poder legislativo, composto das duas camaras, sendo e camara dos deputados, uma delegação da nação; isto é os seus membros representando um elemento da vontade nacional que nelle depositou seus poderes, sem entretanto renunciar a sua soberania que a conserva em toda a plenitude de direitos, contra os poderes publicos que por ventura tornando-se facciosos, tentem conculcal-os em prejuizo dos interesses de toda a comunidade.

A eleição é o meio pelo qual o paiz escolhe os seus representantes, o lhe confere o mandato de legislarem para o bem da nação.

Este meio pode-se exercer de tres modos: directo, indirecto e mixto; com restricções.

Pela nossa organização politica, a sua lei fundamental estatuiu em seu artigo 90) que as eleições para deputados e senadores para a assembléa geral e dos membros dos conselhos geraes das provincias, fossem feitas por meio indirecto, isto é o votante elegendo o elector e este o deputado, e nos artigos subseqüentes designou as qualidades necessarias ao cidadão para exercer esses direitos politicos, e estabeleceu restricções.

Nem um facto sério trazem á tala da discussão como prova irrecusable da impericia do governo no que diz respeito a direcção dos publicos negocios.

O que dirão, elles; porém, se o governo do conselheiro Lafayette, não tem um facto censuravel, e si, ao contrario, vai perfeitamente bem, revelando ao paiz a grande dedicação que consagra á causa do progresso nacional?

A questão, porém, da *gent* que constitue o Brasil, é uma e unica—o poder para saciar-se de seus amigos, acabando assim de arruinar as finanças nacionaes.

A permanencia do partido liberal na alta confissão da corôa incommoda-os seriamente, então, tem lugar as scenas que tod s testemunhamos—uma facção sem idéas, conquistando o poder pela lucta pessoal.

O quadro é desconsolador. Não é a politica que falla; é o interesse que brada alto.

A historia das *maiorias improvisadas pelo escandalo*, de que tratou o Brasil o mez passado, é um specimen das muitas enexactidões de que tanto faz alarde no desempenho de sua missão ingloria.

Facil, como dissemos, em receber as informações capciosas que lhe são enviadas das provincias, por correspondentes infieis, aquelle jornal ás trasladas para as suas columnas, fazendo da verdade uma arma do combate.

Em relação á Sergipe, sustentou o órgão conservador que os libealadores cometteram mil arbitrariedades no sentido de constituir maiorias na assembléa provincial, e que o presidente da provincia mais ou menos influo para o tripho de seus co-religionarios.

A verdade antes de tudo. Deu-se justamente o contrario.

Os conservadores, porém, acostumados á fraude eleitoral, não perdem o ve-

lar contra a forma monarchica de governo, e procurar cada vez mais augmentar o odio do povo contra os reis, sem se lembrarem de que esse mesmo odio contra o governo absoluto, despertava por seu turno, da parte do povo o amor da liberdade.

Assim foi.

O povo comecou por nomear magistratos plebeus. Os patricios foram obrigados a ceder-lhe tudo quanto elle queria. E como diz Montesquieu:

«Em uma cidade onde a pobreza era virtude publica, e as riquezas eram desprezadas, o nascimento e as dignidades de nada valiam. A aristocracia, pois, tinha de transformar-se pouco a pouco em um estado popular.»

Aos patricios substituiram os tribunos, que punavam pelos direitos do povo, e aquelles foram cassadas todas as prerrogativas.

O elemento popular representava a superioridade nos suffragios.

A luta entre patricios e plebeus subsistiu. De um lado fundamentada pelos tribunos, representantes do elemento democratico, e de outro pelo senado que defendia os interesses dos patricios e consequentemente os da nobreza.

Neste estado foi creada alta magistratura dos censores, que tão bons serviços prestou á causa publica, corrigindo os abusos que a lei não tinha previsto ou o magistrado ordinario não podia punir.

O povo foi dividido em trinta e cinco tribus das quaes trinta e quatro foram excluidas de parte dos seus privilegios.

Cirius Tullius fez a famosa divisão por centurias, creando cento e noventa e tres centurias que dividiram em seis classes e na ultima centuria considerou o baixo povo, com exclusão do suffragio.

Vemos, pois, que nestas diferentes evoluções porque passou o povo de Roma durante o governo da republica, sempre o elemento democratico fazia-se directamente representar, porém, com mais ou menos restricções.

Estudando a historia da Grecia, vê-se a luta que sempre existiu entre o povo e a nobreza.

Dracon com a severidade das suas leis, não conseguiu conciliar esses elementos discordantes em uma forma democratica de governo, e assim aconteceu com os seus successores, até que o governo de Athenas fosse confiado á sabedoria e prudencia de um dos mais celebres vultos politicos da antiguidade, como fóra Solon.

No dominio deste sabio legislador, foi instituida a forma democratica no governo do povo pelo povo.

Uma assembléa onde se reuniam todos os cidadãos, deliberava sobre a paz e a guerra, a confecção das leis e sobre tudo que dizia respeito aos altos interesses da republica.

Afim, porém, le que houvesse um outro poder para oppôr-se ao desagrado e ás paixões das massas, e pudesse melhor tractar das medidas de necessidade publica, Syon creou um senado de quatrocentos cidadãos, que tinha a iniciativa das medidas, mais sujeitas depois de reconhecida a sua necessidade, ás discussões e approvação da assembléa popular.

E' nestes dois povos da antiguidade tão celebres na moda de legislarem, e que deram o exemplo de todas as formas de governo com seus vicios e suas virtudes, tornando-se por isso, o berço das nações e a erigem dos governos, de

onde dimanam todas as formas actuaes da organização social, adaptadas aos hábitos e costumes dos povos modernos, e aperfeiçoadas pelo desenvolvimento da sciencia sociologica, que nos iremos deduzindo os argumentos em favor da eleição directa, com as restricções que reconhecemos necessarias no exercicio politico dos cidadãos, que physicamente desiguales, não podem ter uma plena igualdade no desenvolvimento das suas faculdades, para a garantia das liberdades publicas que exige condições especiaes de illustração, de virtudes e de trabalho.

Nicoláo França Leite.  
(Do Jornal da Tarde.)

## SENADO.

### Orçamento da marinha

Discurso pronunciado na sessão de 28 de maio de 1884.

O sr. Almeida Oliveira. (ministro da marinha):—Sinto, sr. presidente, ter de voltar á tribuna em hora tão adiantada, quando já se acha fatigada a attenção do senado. Mas o nobre senador por Minas-Geraes no importante discurso, que acaba de proferir, foi tão severo e injusto para commigo quando á mudança de opinião que s. exc. me attribue, que julgo dever oppor prompta contestação ás asserções de s. exc.

Disse o nobre senador que ouviu com surpresa as declarações por mim feitas sobre as emendas apresentadas pela commissão do orçamento, isto é, as que dizem respeito ao almoxarifado do hospital, á secção technica do conselho naval e ao engenheiro hydraulico do arsenal da marinha da corte.

O nobre senador permitirme-ha dizer-lhe que parece não estar s. exc. bem lembrado do que se passou. A respeito do almoxarifado do hospital de marinha não proferi palavra alguma, não me oppuz á emenda que o supprime. A respeito da secção technica do conselho naval s. exc. deve se recordar que a supressão della não foi o que ficou resolvido.

O sr. Ribeiro da Luz dá um aparte.  
O sr. ministro da marinha:

—Pelo menos na occasião em que disse se tratou parece-me que não se supprimia a secção technica do conselho naval. Pode ser engano, mas foi o que me pareceu ouvir, e declaro que se o contrario tivesse ouvido immediatamente me opporia á opinião do nobre senador. Não é de hoje, mas desde o anno passado, quando tive a honra de responder a diversas perguntas do nobre senador pelo Paraná, que sustentou a conveniencia, não digo só de conservar-se o conselho naval, mas de manter-se essa util instituição sem a mutilação que se pretende fazer, antes dando-se maior desenvolvimento á parte technica do mesmo conselho.

Sr. presidente, quanto ao engenheiro hydraulico do arsenal de marinha não tem razão de ser a surpresa do nobre senador. Eu não pretendi á todo transe a conservação do engenheiro hydraulico, não me oppuz formalmente á idéa do nobre commisso. Manifestando francamente a opinião do governo, eu só quiz dizer o prô e o contra a emenda para que o senado possa deliberar com inteiro conhecimento do assumpto, isto é, mostrando a razão porque a nobre commissão entendeu não supprimir toda a secção hydraulica, só tive em vista dizer como pela mesma razão entendendo que o seu engenheiro deve ser

mentido. Outro ponto sobre o qual eu não podia deixar de dar immediata resposta ao nobre senador por Minas, e de vo dizer estimo dal-a já, não ter de deixal-a para outra occasião, é a que se refere ao lugar de chefe do corpo de fazenda da armada.

Disse o nobre senador varias vezes em seu discurso que a opinião por mim manifestada não é a mesma que consta do meu relatório.

O sr. Ribeiro da Luz:—Não é.

O sr. ministro da marinha:—V. exc. não tem razão para dizer que não é. Tenho aqui prova convincente e consistente de documento inaupeito e autentico. O trecho que o nobre senador leu do meu relatório não quer dizer que o corpo de fazenda deve ficar sem chefe, mas simplesmente que deve ser subordinado ao ajudante general da armada para que este disponha dos officiaes de fazenda como dispõe dos officiaes de marinha.

O sr. Ribeiro da Luz:—Então v. exc. está na mesma opinião do nobre senador pela Parahyba.

O sr. ministro da marinha:

—E' modo de ver de v. exc. O meu relatório (mostrando um caderno) na parte que trata da reforma da secretaria de marinha foi feito á vista deste documento. E' cópia do projecto do regulamento feito pela commissão por mim nomeada para estudar a materia. Ainda não posso publicar esse trabalho, porque ainda não me foi remetido officialemente, veio ás minhas mãos em confiança, unicamente para orientar-me sobre o seu conteúdo; mas se o nobre senador quer examinal-o, eu lho, o darei para ver se nelle é ou não consignado o lugar de chefe do corpo de fazenda.

O sr. Ribeiro da Luz:—Então não está de accordo com o relatório de v. exc.

O sr. ministro da marinha:

—Pode ser que o relatório não tenha exprimido fielmente o meu pensamento, pôde tambem ser um erro o pensar, que, ainda subordinado ao ajudante general da armada, deve o corpo de fazenda ter um chefe; o que não se pôde dizer é que estava nas minhas vistas suprimir esse lugar.

Eis aqui (lendo): A 3.ª secção da directoria do pessoal de marinha terá por chefe um commissario geral. Esse commissario geral é o sr. tamente o funcionario que corresponde ao actual chefe do corpo de fazenda.

Como quer, porém, que se ja, sr. presidente se o senado entender que deve supprimir o lugar de chefe do corpo de fazenda, não me restará senão com a sua deliberação.

Perguntou o nobre senador se o cargo de cirurgião-mór tambem é supprimido. Respondo a esta pergunta para mostrar a s. exc. que, assim como não se supprime o lugar de chefe do corpo de fazenda, tambem não se supprime o de chefe do corpo de saúde, o de cirurgião mór da armada. A minha questão, segundo se collige de relatório e do projecto de regulamento, que acabo de mostrar ao senado, é que ambos esses corpos estejam sujeitos ao ajudante general.

O sr. Ribeiro da Luz:—Quem designa para os serviços? E' o chefe ou o ajudante-general?

O sr. ministro da marinha:

—Pouco importa que a designação seja feita por um ou por outro. O essencial é que o corpo de fazenda seja subordinado ao ajudante general.

O sr. Ribeiro da Luz:—Nullifica o chefe.

O sr. ministro da marinha:

—Então o ajudante-general está constantemente nullificado pelas ordens que recebe do ministro.

O sr. Ribeiro da Luz dá outro aparte.

O sr. ministro da marinha:

—O ajudante general dá suas ordens aos chefes de secção da directoria a seu cargo.

O sr. Ribeiro da Luz dá outro aparte.

O sr. ministro da marinha:

—A requisição pôde fazer perder tempo, a ordem não; a requisição ás vezes está sujeita a observações, a ordem não. Para isso é preciso que o ajudante-general não expeça officio, dá ordens.

O sr. Ribeiro da Luz:—O que é verdade é que o corpo de fazenda não tem funções militares, e portanto não pôde estar sujeito a officiaes militares.

O sr. ministro da marinha:

—Eis aqui como se formaria a 2.ª secção da directoria do pessoal da secretaria. Terá ella por chefe o inspector geral da saúde. E' o actual cirurgião-mór da armada.

O sr. Ribeiro da Luz dá uma aparte.

O sr. ministro da marinha:

—V. exc. pôde julgar a reforma como entender, pôde opinar que ella é inutil ou má, é para isso juiz muito competente. O que não posso admitir é que v. exc. diga que requisição e ordem é uma e a mesma coisa, que por estar o corpo de saúde sujeito ao ajudante-general fica annullado o respectivo chefe.

O sr. Ribeiro da Luz:—O ajudante-general ha de indicar medicos para o hospital de marinha e para o arsenal. Aquillo é navio de guerra?

O sr. ministro da marinha:

—O inspector de saúde cumprirá simplesmente as ordens, que receber do ajudante-general.

O sr. Ribeiro da Luz:—Não pôde dar, porque o corpo de saúde não está sujeito a elle.

O sr. ministro da marinha:

—Pergunta o nobre senador: que papel fica fazendo o chefe do corpo de fazenda? O nobre senador mesmo acaba de ler as varias funções desta empregado.

Se conforme a organização proposta, elle perde o direito de designar como quizer o pessoal de embarque, não perderá o de indicar e informar qual é o melhor officio para cada commissão.

O sr. Ribeiro da Luz:—E' a unica attribuição que justifica a sua existencia.

O sr. ministro da marinha:—Pois elle não tem innumerables attribuições relativas á escripturação do corpo e a promoção dos officiaes de fazenda? Será o ajudante general em pessoa quem vá desempenhar essas funções? A este só cabe a direcção suprema, a superintendencia dos serviços.

Alludindo á reforma proposta em meu relatório, e autorizada pela emenda dos honrados senadores pelas provincias da Bahia e Minas, disse ainda o honrado senador, a quem respondo que basta um aviso expedido pelo ministro da marinha para simplificar o serviço e diminuir consideravelmente a papellada do expediente. Mas eu noto que s. exc. se esquece do fim principal da autorização pedida pelo governo e constante da emenda dos nobres senadores—a diminuição do pessoal e da despesa.

O sr. Ribeiro da Luz:—Isso é que eu hei de ver, e desde já digo que v. exc. não faz.

O sr. ministro da marinha:—Eu não posso reorganizar a secretaria de modo a reduzir o pessoal, senão em virtude de autorização do corpo legislativo.

Por outro lado, sr. presidente, organizados como estão os serviços, em virtude de decretos regulamentares que devo observar, não me é lícito aceitar o conselho do nobre senador para substituir os avisos por ordens ou simples despachos, com infracção dos decretos e regulamentos da secretaria.

O sr. Affonso Celso:—Onde se viu o parlamento organizar repartições publicas?

Isso não é attribuição legislativa; o administrativo; não nos compete, e nem estamos habilitados para desempenhal-a. Peço a palavra.

O sr. ministro da marinha:—Ainda

com relação a emenda apresentada perguntou o nobre senador por Minas, quantos depositos pretende o governo fazer depois que se supprimir a intendencia.

Sr. presidente, o honrado senador que bem conhece os negocios da marinha, não devia fazer-me esta pergunta. S. exc. sabe perfeitamente que não existe só o deposito geral da intendencia, mas cada uma das directorias do arsenal tem o seu deposito onde são recolhidos os materiaes que ellas tem de empregar nas obras, e por tanto ha duplicata de depositos, que bem se pode evitar.

O sr. Ribeiro da Luz:—Durante o mez.

O sr. ministro da marinha:—Pouco importa o tempo; o facto é que alem do deposito geral da intendencia, ha depositos parciaes que podem perfeitamente receber todos os materiaes destinados a este estabelecimento.

Quanto aos sobresalentes de que necessitam os navios, ponderou s. exc. que é preciso haver deposito delles, porque nem todos os sobresalentes se encontram no mercado.

Sr. presidente, quem ouve o nobre senador fallar por este modo, naturalmente suppoé que o ministerio da marinha vai alienar o grande prédio que tem na ilha das cobras, que actualmente serve de intendencia, e que a todo tempo pôde servir para deposito de materiaes.

Quem ouve o nobre senador, fallar por esse modo, naturalmente pensa que o edificio do arsenal não tem proporções, não tem capacidade sufficiente para se fazer ali qualquer deposito que seja necessario.

Sr. presidente, a verdade é que, se como eu proponho, ficarem os materiaes do arsenal á cargo do respectivo inspector e os navios e chefes de repartições forem directos de que necessitarem, o deposito á que allude o nobre senador, será uma coisa tão insignificante que poderá ser accommodado no mesmo arsenal ou no prédio da ilha das Cobras.

Era isto o que eu desejava dizer ao nobre senador em resposta ao seu discurso. Mas digo ainda uma uma vez a s. exc. e ao senado, que o que mais me preocupava, era mostrar immediatamente ao nobre senador que não mudei de opinião no que toca ao lugar de chefe do corpo de fazenda, que o trecho do meu relatório lido por s. exc. pôde prestar-se a conclusão que s. exc. tirou; mas a verdade é que o relatório foi escripto á vista do esboço do projecto organizado pela commissão nomeada para fazer o projecto de reforma da secretaria, e que esse projecto, como s. exc. pôde verificar, contém expressamente o lugar que hoje se chama de chefe do corpo de fazenda tendo concluido.

## CHRONICA

Camera municipal.—O sr. dr. Manoel da Silva Sardinha, deixou a presidencia da camera municipal desta cidade que interinamente exercia, por ter se apresentado o presidente eleito, o sr. dr. Manoel Bernardino da Costa Rodrigues.

Sendo muito valiosos os serviços prestados pelo sr. dr. Sardinha, é este o momento proprio de lhe fazer sahir, que s. s. deixa gratas recordações á seus municipaes, que certamente ficarão na obrigação de sua reeleição nas futuras eleições.

Felizmente o sr. dr. Costa Rodrigues, que é um cidadão prestante, e um liberal distincto, dotado de boa vontade, e que tambem tem prestado bons serviços, tem bastante actividade e zelo para elevar a municipalidade a altura de sua instituição; isto bastará para não desanimar do futuro.

O Paiz.—Este importante orgão do commercio, que por motivos alheios á vontade de sua redacção e sedendo á força maior suspendeu, como noticia-mos, sua publicação, reapareceu no dia 1.º do corrente; promette manter seu antigo programma.

Nossos parabens ao Paiz.

Desejamos-lhe um futuro de felicidades, e que os tropeços com que lutam os jornaes, com especialidade nesta nossa provincia, não se lhe antiponham nesta sua segunda phase, afim de bem poder cumprir sua nobre missão.

MARANHÃO.—Esp. Tribuna Imp. por S. A. de Par. a.







... com a Espanha q  
ganhou 30. batallas, um homem  
leis de primeira ordem, governou mu  
to tempo, e no fim do seu gover  
Miraflores

TABLE 1. *Continued*

( )

